

5. Conclusão

Uma vez que já foram feitas no final de cada capítulo as conclusões mais importantes a respeito da Imagem de Deus nas três fases histórica da existência humana, seria supérfluo repeti-las.

Cabe-nos, no entanto, algumas conclusões gerais que podemos chegar tendo como conteúdo o todo da presente pesquisa. Por isso, é sensato dizer que a partir do pensamento de Brunner fica evidente a necessidade da construção teológica estar pronta para dialogar com as descobertas das demais áreas do saber humano. Mas a ânsia de fazer uma teologia dialogal não pode levar o teólogo a sucumbir na grande tentação de relativizar o que é essencial do material teológico. Pensamos que da pesquisa pode-se também concluir que, a exemplo do que foi visto na construção teológica brunneriana, a teologia não precisa ter o seu trabalho direcionado à construção de respostas fechadas e hermeticamente satisfatórias, pois o objeto de estudo da teologia é por demais inefável. Cabe à teologia cristã atual produzir chaves de leituras (no caso de Brunner: cristológica) que sejam coerentes com as Sagradas Escrituras e com a tradição teológica, a fim de ter as suas formulações teológicas fincadas nos alicerces da coerência e do respeito ao mistério de Deus.

No que diz respeito à antropologia, mais especificamente, podemos dizer que a teologia cristã apresenta o ser humano como sendo a Imagem de Deus, e isto tem a ver com a capacidade humana de se relacionar com um diferente de si, um *outro*, e com isso gerar sentimentos e motivações que “determinarão” a maneira de efetuar sua existência. A pessoa de Deus aparece como sendo a razão última de toda a existência humana, e a resposta à interpelação do amor de Deus é algo do qual o ser humano não pode fugir. Ele precisa responder ao amor de Deus, e a partir desta resposta ele escolhe a direção que dá a sua vida. Brunner diz que não há nenhuma humana criatura que não tem um relacionamento com Deus, não há ninguém que não tenha dito sim ou não ao amor de Deus.

Em Jesus Cristo apresenta-se a máxima do convite de Deus para o ser humano. A teologia brunneriana mostra que ao ser humano rebelde, que disse não ao Amor divino, Deus manifesta em Jesus Cristo o seu mais profundo desejo de com ele se relacionar. Jesus é aquele que se entrega a fim de eliminar o que está entre o ser

humano e Deus: a inimizade. Na medida em que o ser humano foi criado para viver-no-amor-de-Deus, sendo isto que o caracteriza como Imagem de Deus, Jesus Cristo é quem restaura na realidade humana esta vocação que Ihe é indelével (pois nunca deixou de ser Imagem de Deus). Na vida e morte de Cristo o pecador percebe uma atuação de Deus em seu favor, e pela fé pode dizer: “sim, amarei a esse Deus que tão grandemente me amou!”

Desejamos ainda dizer que a partir do que foi tratado na pesquisa, nós chegamos a temas que podem ser posteriormente desenvolvidos. Referimo-nos, por exemplo, as considerações que Brunner faz ao fato de que ao ser humano só foi dado o “domínio” da natureza porque ele foi criado a Imagem de Deus, e ele não é imagem de Deus porque domina a natureza. Aqui cabe uma interessante reflexão sobre a responsabilidade ecológica como algo inerente a natureza humana criada por Deus. Outra consideração de Brunner que segue a mesma linha de pensamento é a idéia de que o ser humano ao cumprir sua vocação de Imagem de Deus passa a construir relações humanizadoras com o seu próximo. E cada vez que ele nega sua existência como Imagem de Deus, o ser humano constrói civilizações desumanizadoras. Aqui também cabe um bom trabalho de pesquisa sobre a justiça social como elemento próprio a existência humana.

Por fim, gostaríamos de expor um tema que muito nos estimula a continuarmos na jornada da pesquisa acadêmica. Trata-se da incontestável existência de um link na teologia brunneriana que a possibilita dialogar com as teologias de diferentes confissões cristãs. A antropologia desenvolvida por Brunner tem claras pretensões “ecumênicas”. Pois ao tratar da doutrina da *Imago Dei*, ele assumiu elementos tanto protestantes, quanto católicos. E ele constata as diferentes compreensões antropológicas no seio do protestantismo e se coloca numa posição de diálogo em relação a elas. Por isso, entendemos ser viável e pertinente o desenvolvimento de uma pesquisa que tenha por tese a antropologia brunneriana como uma antropologia “ecumênica”. O que poderia ser feito em diálogo com um teólogo de outra confissão cristã.